

cei

suplemento

Agosto e Setembro de 1970

21

IGREJA LUTERANA E TEOLOGIA CATÓLICO-ROMANA

Por ocasião da Quinta Assembléia da Federação Mundial Luterana, realizada em Evian, França, em julho de 1970, foi proferida pelo Dr. Kent Knutson, presidente do Seminário Teológico de Wartburgo, Dubuque, Iowa, Estados Unidos, a seguinte conferência sobre a resposta das igrejas luteranas à Igreja Católica-Romana e sua teologia.

RESPOSTA DAS IGREJAS LUTERANAS A IGREJA E TEOLOGIA CATÓLICO-ROMANA DE HOJE

Os luteranos e os católico-romanos confrontam-se, atualmente, de forma sem precedentes na nossa história controversa. A mudança remonta a outubro de 1963, início do Segundo Concílio Vaticano.

Os luteranos e os católico-romanos confrontam-se, hoje em dia, num mundo dramaticamente diferente daquele da geração precedente. O problema que enfrentamos, agora, não consiste apenas em saber de que modo poderíamos capitalizar as novas possibilidades de relacionamento mútuo, mas também como poderemos sobreviver como Igreja de Jesus Cristo no mundo ocidental.

A Quarta Assembléia da Federação Mundial Luterana realizou-se em Helsinki, Finlândia, em 1963, antes da publicação do primeiro documento referente ao Vaticano II. Numa assembléia mundial esta é nossa primeira oportu-

nidade de falar aos luteranos e católicos a respeito dos significativos acontecimentos dos últimos anos, avallando seu efeito sobre nossa missão no mundo.

A atual situação abriga igualmente um fato infeliz e uma esperança viva. Estamos separados uns dos outros.

Confessamos o mesmo Deus, acreditamos nos mesmos credos católicos, reconhecemos e recebemos batismo como um santo sacramento de Deus, celebramos a Santa Comunhão na crença que comemos e bebemos o corpo e sangue de Cristo, ensinamos e disciplinamos um ministério necessário, alegramo-nos em participar do corpo de Cristo na igreja, recebemos o mesmo perdão de pecados, aceitamos a autoridade da mesma Escritura, oramos pela orientação do mesmo Espírito Santo e esperamos a consumação da palavra de Deus. Apesar de tudo, estamos separados uns dos outros. As vezes, por má compreensão, outras vezes, cheio de hostilidade, abre-se em profundidade e largura o golfo da separação.

No entanto, temos a esperança de que essa separação pode ser vencida.

Uma longa história, combinada com as tensões da idade crítica, pesa sobre nós. Apesar disso, temos a convicção de que uma era de nova compreensão surgiu, prometendo oportunidades para novo relacionamento entre nós.

A história do nosso afastamento começa há quase meio século. Um jovem estudante universitário, surpreendido por uma tempestade, em meio a relâmpagos, grita, aterrorizado: Santa Ana, valei-me! Tornar-me-ei monje! Assim começa para Martinho Lutero uma carreira que abala a igreja e origina forças que nos têm acompanhado, até hoje, em meio à alegria e à tristeza. Sua procura e descoberta das luzes do Evangelho, sua tentativa para proporcionar uma reforma à igreja, sua própria excomunhão, a redação de novas confissões clamando por verdade e catolicidade para as comunidades cristãs da sua terra culminam na criação de uma igreja separada, infelizmente chamada de Igreja Luterana.

A história prosseguiu inexoravelmente; o concílio de Trento, no qual as diferenças se cimentaram, o aparecimento da Contra-Reforma, a definição e refinamento de diferenças, costumes e diferenças teológicas e até mesmo o derramamento de sangue.

Daí em diante, luteranos e igrejas católicas viveram a história comum do mundo ocidental: o surgimento da ciência moderna, o desenvolvimento de um novo mundo, o grande movimento missionário, a industrialização de nossas nações, e guerras — muitas guerras de escravização e libertação. Mas cada uma seguiu seu próprio caminho. Cada qual experimentou períodos de indiferença e de exaltação, crescimento, diminuição, renovação, durante os séculos subsequentes, mas nenhuma aproximação.

Sinais de esperança surgiram quando as duas igrejas ingressaram no século XX. As igrejas geradas pela reforma do Século XVI lutaram por novas relações entre ambas e criaram um movimento ecumênico que incluía a grande igreja do oriente. Mas a Igreja Católico-Romana permanece distante.

O segundo capítulo da história começa no momento em que os pais da Igreja Católico-Romana se encontram em São Pedro, em Roma, para o Segundo Concílio Vaticano.

Muito tempo decorreu de 1520 a 1962.

Afirmou o Concílio que “nesta assembléia, sob a direção do Espírito Santo, desejamos estudar a maneira de nos renovarmos, para que possamos ser cada vez mais fiéis ao evangelho de Cristo. Faremos o possível para apresentar aos homens desta era a verdade de Deus, na sua integridade e pureza, para que possamos compreendê-la e alegremente assentirmos com ela”. (1)

Impelidos pelo amor de Cristo, não se esqueceram “daqueles que ainda não têm a ajuda necessária para obter um modo de vida digno de seres humanos”. (2)

A Assembléia em S. Pedro conseguiu mais nos quatro dias subsequentes do que jamais havia sido planejado ou sonhado. Respondendo ao apêlo do Papa João XXIII no sentido de se abrirem as janelas da igreja, o Concílio explorou muitas áreas de fé e vida. Através de debate intenso e livre, criaram nova direção para sua igreja e para a cristandade.

Este Concílio constitui, para a Igreja Luterana, um desafio que não tem precedentes na nossa história e cuja importância só tem equivalente no desafio de um mundo hostil.

I

O CONCÍLIO VATICANO II

Nossa reação ao Concílio diverge da que tivemos aos dois concílios anteriores, desde a época da Reforma. Alegremo-nos por causa deste Concílio e agradecemos a Deus por êle.

Consideramos que este Concílio constitui o fim da Contra-Reforma. Em vez de duas igrejas, instaladas uma diante da outra, existem agora mútuos esforços de fortalecimento, descoberta e relacionamento.

Consideramos que este Concílio não somente representa o fim de uma era como também o início de outra — uma nova participação da Igreja Católico-Romana na busca da reconciliação para a cristandade.

Consideramos que este Concílio constitui a dinâmica que proporciona renovação à igreja, em fé, adoração, clareza de doutrina, governo da igreja, vida no mundo e missão para o mundo.

Consideramos que este Concílio representa nova definição do papel da igreja no mundo moderno, identificando-se com as necessidades de toda a humanidade e aceitando as mudanças e suas influências na vida e pensamento da igreja.

O Concílio produziu 16 documentos que constituem solo fértil para pesquisa durante anos. Não podemos comentá-los a todos. Muitas pontes entre o abismo da separação foram construídas. Destacamos, com especial interesse, cinco delas:

(1) Os Documentos do Vaticano II, Walter M. Abbot, S. J. Editor Geral, Guild Press, New York, 1966, “Mensagem à Humanidade” p. 3

(2) Ibid, p. 5

1. Conceito da Igreja

A exposição expansiva da doutrina da igreja é a realização mais importante do Concílio. A descrição da igreja, na linguagem bíblica do povo de Deus fala-nos claramente e vemos nela o tom de auto-correção e auto-crítica, sinais de uma igreja peregrina. A dinâmica da igreja não reside na sua estrutura ou administração, mas está além do mérito humano, no próprio Deus. A ênfase no caráter colegiado na igreja, reminiscência tanto do pensamento patristico como do reformado, é bem recebida por nós. O uso do tema bíblico do sacerdócio universal dos crentes é como se nós mesmos estivessemos falando. A vocação universal da santidade e a atenção dedicada à relação entre a igreja militante e a igreja triunfante inspira-nos ao auto-exame.

2. Escrituras e Tradição

O tratamento da relação entre Escrituras e Tradição é de especial interesse para nós. Não é segredo o fato de que nos perturbamos com a afirmação de que existiam duas fontes de revelação, que pareciam estar lado a lado. A clareza com a qual o Concílio fala de Cristo, a Palavra, da história de Israel, da obediência pela fé, através da qual o homem pode confiar todo o seu ser livremente a Deus, da transmissão desta Palavra para a Palavra escrita, inspirada pelo Espírito, da pregação da Palavra, em toda a sua pureza, inspirada pelo mesmo Espírito, ajuda-nos enormemente na compreensão dos atuais ensinamentos católico-romanos. A ordem de ler as Escrituras dirigida a todos os fiéis e especialmente àqueles que pregam, é como se ouvíssemos nossas palavras da Reforma transformadas em vida.

O significado da tradição para os católicos não é tão claro para nós. Sabemos que não temos sempre reconhecido a complexa relação entre tradição e Escritura e aprendemos, com outros irmãos cristãos, nas reuniões de Fé e Ordem, a examiná-la com maior profundidade.

3. Adoração

A renovação da adoração e suas formas não tem estado confinada à Igreja Católico-Romana nem no Concílio Vaticano II. Alegramo-nos porque a adoração despertou tanta atenção por parte do Concílio. Fato notável se verifica na ênfase na importância suprema das Escrituras na liturgia. A restauração da pregação no serviço religioso, baseada na afirmação teológica da presença de Cristo, não somente nos sacramentos mas também "na sua palavra, uma vez que é Ele mesmo que fala quando as santas Escrituras são lidas na igreja" (3) lembra-nos nossa linguagem, quando falamos de um "meio de graça" e fornece nova dimensão à nossa compreensão dos ensinamentos católicos. O sacerdócio dos crentes é novamente enfatizado na exigência de que estes tomem parte ativa, consciente e frutífera no serviço de adoração. O uso da língua vernácula, o aumento de cânticos, assim como a recomendação de orações particulares aproximam nosso povo, como nunca antes havia acontecido. Ficamos desapontados porque a questão de missas individuais ainda não foi expressa mais claramente e porque o cálice ainda não é permitido para os leigos, exceto em circunstâncias especiais.

(3) Ibid. p. 141, parágrafo 7 in **Constituição sobre a Sagrada Liturgia.**

4. Relações com outras Igrejas

O enorme passo à frente dado pelo Concílio ao reconhecer as "comunidades eclesiais" fora da Igreja Católica tem enorme importância. Esperamos que isso prepare o caminho para o passo seguinte: pleno reconhecimento de que somos uma igreja verdadeira. O Concílio confirma igualmente um princípio fundamental tanto da Reforma como do movimento ecumênico do século vinte: que a renovação e a reforma são essenciais para a devolução da unidade visível da igreja. A nota de que "ambos os lados têm culpa" (4) demonstra a nova atmosfera dentro da qual nos dirigimos para novas relações.

Lamentamos que a Igreja Católica ainda julgue necessário dizer que "é somente através do Cristo da Igreja Católica, que é o meio universal de salvação, que a plenitude dos meios de salvação pode ser obtida". (5)

5. O Papel da Igreja no Mundo

A designação que o Concílio faz da função de serviço da igreja tem grandes conseqüências. Nós, também, reunidos aqui em Evian para discutir o tema "Enviados ao Mundo", podemos aprender muito com isso. A Declaração de Liberdade Religiosa" é singular e dramaticamente significativa para os protestantes; esclarece pontos e preocupações que tivemos durante séculos.

Uma atitude positiva para com o mundo constitui um bom antídoto ao negativismo que nós mesmos, às vezes, ostentamos. O caráter social da vida do homem, enfatizado pelo Concílio, é um corretivo ao extremo individualismo que por vezes tem-se desenvolvido entre os luteranos.

Ainda permanecem muitas questões, mas a base sólida para a compreensão comum destes itens é claramente comunicada pelo Vaticano II.

II

A TOLERANCIA PÓS-CONCILIAR E IGREJA

Ainda não se passaram cinco anos desde o Vaticano II. Não é tempo suficiente para se chegar a qualquer conclusão clara a respeito do pleno alcance das decisões conciliares. Contudo, não é cedo demais para afirmar que sua influência na vida e pensamento da Igreja Católica já foi profunda. A renovação na vida de adoração foi a mais importante e universal de todas as medidas. A vitalidade de movimentos leigos, passos para a democratização no governo da igreja, tendências em métodos e ênfases em educação, mudanças em muitas ordens religiosas e contatos crescentes com outros cristãos e com o mundo secular contribuíram para a criação de uma imagem dinâmica da Igreja Católica.

Dois movimentos contrários à renovação metódica estão evidentes. Algumas pessoas demonstram grande impaciência, ameaçando vivamente a autoridade da igreja e a formação das chamadas "igrejas da resistência". A reação à renovação ainda é forte em muitas partes do mundo, assim como no próprio

(4) Ibid. p. 351, parágrafo 7 in **Decreto sobre Ecumenismo**.

(5) Ibid. p. 346, parágrafo 3, **Decreto sobre Ecumenismo**.

Vaticano. O declínio das vocações para o ministério e ordens religiosas, inquietação entre alguns padres, a defecção de muitos jovens, senso crítico claro e generalizado evidenciam as reações diferentes à escala de mudança dentro da Igreja Católica-Romana.

1. Desenvolvimento na Integração Bíblica

A volta ao uso da linguagem bíblica nas deliberações do Vaticano II representa passo significativo para o esclarecimento da comunicação entre católicos e outros cristãos. Tem continuado a crescer o interesse pela pesquisa bíblica, na Igreja católica. O emprêgo de instrumentos históricos na pesquisa bíblica, o estudo de diversas teorias relacionadas com a origem dos livros bíblicos e a análise do desenvolvimento interno do pensamento bíblico possibilitaram um grau maior de compreensão entre luteranos e católicos. Os estudiosos da Bíblia viram que seus esforços eram de mútua utilidade e, assim chegaram, cada vez mais freqüentemente, a resultados comuns. É impressionante que, nestes anos pós-conciliares, estudiosos luteranos e católicos tenham chegado, através de trabalho independente, à mesma conclusão, na interpretação de textos bíblicos. Apesar de haver ainda controvérsia em algumas áreas de estudos bíblicos, a gama de discussão é tão ampla na igreja católica como na igreja luterana.

Uma das contribuições mais importantes em pesquisa bíblica é a descoberta do significado da diversidade de pensamento dentro da Bíblia. Os escritores bíblicos preferiram proclamar o único Evangelho com variedade de linguagem, ênfases e perspectiva. Existe, assim, a possibilidade distinta de uma variedade de expressões autênticas de fé, que representem fielmente testemunhos bíblicos particulares à verdade de Jesus Cristo. Assim sendo, o reconhecimento de que outras tradições cristãs têm perspectivas válidas e até mesmo profundas da revelação não somente é permitido como também constitui uma exigência direta de fidelidade à autoridade das Escrituras. Freqüentemente os luteranos têm sido associados ao pensamento e ênfases paulinas. Os luteranos precisam de aceitar comunidades cristãs de teologias baseadas em João, Mateus ou Pedro como sendo tão verdadeiras bíblicamente como a de Paulo.

2. Desenvolvimento em Teologia

Em toda igreja, sempre tem havido estudiosos e teologia. Portanto, o campo de estudo teológico tem sido mais amplo do que os ensinamentos oficiais da igreja. A teologia católica sistemática do passado, entretanto, tinha como característica o apêgo a categorias escolásticas absolutistas, intimamente aliadas ao pensamento medieval. A teologia luterana tem, da mesma forma, tendido para o escolasticismo, freqüentemente referente ao período pós-Reforma. A comunicação entre as duas comunidades de estudiosos era difícil e, às vezes, impossível. Hoje em dia a situação é bem diferente. Existe uma diferença qualitativa relativa ao trabalho dos teólogos contemporâneos. Antigamente a base filosófica tendia à firmeza e a linguagem usada era clara e susceptível de definição. Atualmente, a linguagem é tão fluida, o pluralismo em filosofias tão exuberante, as escolhas subsequentes tão diversas, que o pensamento teológico saiu de seus moldes costumeiros e emergiu em novos estilos de expressão. Imediatamente a comunicação ficou mais difícil, mas, ao mesmo tempo, todo o trabalho teológico ficou situado no mesmo plano, com o reconhecimento crescente de problemas comuns. Assim um novo relacionamento, em forma de diálogo, surgiu entre os teólogos, para benefício de todos.

Nos seminários teológicos da Igreja Luterana é comum a leitura de livros de teólogos católico-romanos, assim como de autores da própria tradição. Os nomes de proeminentes teólogos católicos, como Karl Rahner e Hans King, da Alemanha, E. Schillebeeck da Holanda, Yves, da França, George Tavard, dos Estados Unidos e muitos outros, têm-se tornado bem conhecidos entre os luteranos.

Os estudiosos católicos estão ansiosos por expressar sua fé em linguagem que seja não somente aceitável como também atraente para os luteranos. Os pensadores católicos estão igualmente ansiosos para ingressar na teologia especulativa de forma tão audaz como a dos teólogos protestantes mais radicais. Reflexões recentes relacionadas com o conceito de Deus, sentido da salvação universal, relação do pensamento cristão e não-cristão, análise e experiência do diálogo com o ateísmo têm se tornado comuns, tanto nos círculos luteranos como nos católicos.

A publicação e ampla circulação de um Novo Catecismo, produzido pela Igreja Católica na Holanda tem despertado interesse especial entre os luteranos. É fora de dúvida que o pensamento teológico na Igreja Católica ultrapassou o Concílio em áreas como os sacramentos, a igreja, autoridade na igreja, relação das Escrituras e tradição, e papel e função do ministério. Estes desenvolvimentos revelam que o pensamento luterano e católico seguem curso convergente, aproximando-nos mais do que indicam nossas posições teológicas definitivas.

A direção teológica das encíclicas papais nos tem interessado. O Ministério da Fé, publicado em 1965 restringe a discussão do mistério da presença real na Ceia do Senhor à linguagem da transubstanciação definida pelo Concílio de Trento. Isto parece contrariar muitas opiniões na Igreja Católica e revela repugnância à obtenção de luzes claras relacionadas com a teologia da Eucaristia. A encíclica sobre a Transmissão da Vida, publicada em 1968, baseia seus pontos de vista sobre o casamento e controle de nascimentos na lei natural, que a autoridade de mestra da igreja é competentes para interpretar. Além do mais, sugere que uma fiel observância da interpretação é necessária para a salvação eterna do homem. Isso, igualmente, parece divergir de uma grande corrente do pensamento teológico católico.

A recente encíclica sobre Casamentos Mistos ensina sobre a validade do casamento e a obrigação que o cônjuge católico tem de educar as crianças na fé católica, o que não somente é ofensivo para nós, como também diferente dos ensinamentos de muitos teólogos católicos.

3. Diálogos diretos

Têm sido muito importantes os crescentes contatos entre teólogos católicos e luteranos em nível oficial e não-oficial. Mesmo antes do Vaticano II, a Federação Mundial Luterana, em Mineápolis, em 1957, criou um Instituto sobre Pesquisa Ecumênica, mais tarde localizado em Estraburgo, França. Desde aquela ocasião, o Instituto se tem concentrado em pesquisas sobre teologia católica e no diálogo com teólogos católicos. O papa Paulo VI patrocinou um Instituto Ecumênico próximo de Jerusalém, que aproximará teólogos de muitas tradições. Diversas outras instituições e centros de pesquisa se espalharam por todo o mundo.

Os católicos e luteranos estão, igualmente, envolvidos num Diálogo Internacional oficial, cujos resultados ainda não estão disponíveis. Como exemplo de trabalho proveitoso, temos o diálogo oficial nos Estados Unidos. Teólogos católicos e luteranos têm estado trabalhando há cinco anos, numa série de problemas. Publicaram os resultados de seus debates sobre o Credo de Nicéia, Batismo e Eucaristia como Sacrifício. Temos assim, exemplos impressionantes do progresso que está se verificando atualmente nesse setor. Desde o início, o Sacrifício da Missa tem constituído problema crítico no relacionamento entre nossas duas igrejas. O diálogo revela que é possível para os luteranos a aceitação dos pontos de vista católicos a respeito da Missa, quando ela é transmitida em linguagem contemporânea e quando as más-interpretações são esclarecidas. Os católicos podem, igualmente, aceitar a teologia luterana da presença real.

Brevemente, nos Estados Unidos, o grupo publicará os resultados de seu trabalho sobre ministério, durante muito tempo considerado problema insolúvel. Assim se demonstrará que um católico pode aceitar o ministério luterano como um ministério válido, tal como está presentemente constituído. As implicações desse ponto são muito vastas. Se os católicos podem aceitar os sacramentos e o ministério da Igreja Luterana depende-se que poderão também aceitar a Igreja Luterana como uma verdadeira e plena igreja.

4. Envolvimento dos leigos

Durante estes anos, houve numerosos contatos entre os fiéis das duas igrejas. Através de reuniões em casas de família, retiros e conferências de estudo de diferentes tipos, os leigos se têm confrontado, conseguindo amizades duradouras. O estudo bíblico comum, a discussão da vida cristã e a participação nos problemas da vida no mundo moderno aproximaram muitos luteranos e católicos, num espírito de total aceitação mútua.

Estudantes não somente têm ouvido professores pertencentes a outras tradições como também em conjunto, têm estudado sua fé, em conferências e em pequenos grupos, chegando à conclusão de que não existem razões para que eles vivam em comunidades separadas de fé. Em Dubuque, Iowa, nos Estados Unidos, meu próprio Seminário, o Seminário Teológico Wartburg, o Instituto Aquinas, um Seminário Dominicano, o Seminário Dubuque, uma escola presbiteriana de teologia, formaram uma associação de escolas com o livre intercâmbio de professores e estudantes. No próximo ano, estudantes luteranos e católicos estudarão a introdução à Bíblia num curso comum.

A cooperação entre leigos e o clero em projetos especiais proporciona caminhos adicionais para o crescimento da compreensão mútua. A participação da Igreja Católica-Romana, em 1967, no 450.º aniversário da Reforma é exemplo impressionante da nova disposição em examinar pontos que, no passado, causaram mal-estar. O esforço comum para diminuir a injustiça social, a busca de solução em problemas de educação pública e privada, a ajuda mútua em casos de perseguição e muitas outras experiências têm acabado com velhos preconceitos e criado nova confiança. Participar de uma marcha de protesto contra o preconceito racial tem-se tornado um novo método ecumênico!

A atual vida e teologia das duas igrejas tem ultrapassado, de longe, qualquer posição oficial da Igreja Luterana e até mesmo do Vaticano.

III

O FUTURO

O futuro contém muitas promessas e trabalho para os católicos e luteranos. Acredito que nosso caminho é convergente. Se a história nos der tempo suficiente, aproximar-nos-emos ainda mais. Nosso objetivo é, no mínimo, a reunião. Só Deus sabe quantas gerações virão ainda, até que ultrapassemos os obstáculos que restam. Muitas coisas serão determinadas pela fidelidade e energia com as quais enfrentaremos nossas responsabilidades nesta geração. O trabalho que iniciamos, durante estes poucos anos, deve continuar a expandir-se. Tanto católicos como luteranos deverão mudar, ao mesmo tempo em que manterão fidelidade ao Evangelho e darão continuidade ao passado.

Os luteranos devem enfrentar o desafio que lhes foi lançado pelos acontecimentos engendrados pelo Vaticano II. Não tenho presenciado, entre nós, a dinâmica renovação que estamos testemunhando entre os católicos. Não tenho a certeza de que nos tenhamos dedicado ao alvo da reunião. Temos sido ativos no movimento ecumênico e muito contribuído para êle. Devemos continuar a fazê-lo, ampliando nossos esforços de maneira a incluir o chamado Terceiro Mundo, com o qual temos pouco ou nenhum contato.

A agenda teológica é longa e não pode ser revista aqui. Ela convida a um profundo impulso de compreensão para com a tradição católica, a muito maior sensibilidade e entendimento da piedade católica e a maior apreciação do uso do símbolo no pensamento católico. Mesmo problemas difíceis como o Papado estão sendo grandemente suavizados pela compreensão de seu valor simbólico. Os luteranos são por demais liberais em sua perspectiva da doutrina e da vida.

Permanece, porém, uma questão ainda mais importante. Será que a história nos dará tempo necessário? Tudo quanto aqui esboçamos se baseia na presunção de que o problema fundamental pertence ao passado e que, de qualquer forma, precisamos refazê-lo, de modo a vivermos juntos no presente. Presumimos que a história se movimenta profeticamente, isto é, uma era se segue a outra com continuidade clara, cada estágio da história brotando claramente do estágio precedente. Temos que ponderar profundamente se por acaso não estamos vivendo numa era apocalíptica, na qual Deus nos lança para a frente através de saltos, chamando-nos ao rompimento com nosso passado, em muitos aspectos. A renovação poderá não ser apenas a reforma do que já existe, mas talvez uma separação radical do presente, de forma que novos tipos de vida cristã surjam, sem paralelo na história imediata do passado. Não podemos presumir por mais tempo que a manifestação predominante da fé cristã se realizará no mundo ocidental. Deus poderá estar movendo seus ponteiros em outra direção, com orientações culturais dramaticamente diferentes. Se confiarmos inteiramente da história do passado, poderemos ser ultrapassados pela história.

Não há dúvida de que enfrentamos problemas no mundo que diminuem o luxo das distinções teológicas sutis. Se pensarmos seriamente no significado do tema Enviados ao Mundo, teremos que olhar para além das nossas posses, tradições desnecessárias, cultura, voltados para o mundo real, no qual Deus pede que trabalhemos.

Nosso problema básico não está no passado mas na nossa missão para com o presente mundo. Temos tempo para sugerir apenas três áreas críticas de preocupação.

1. A População do Mundo

A não ser que haja algum radical reajustamento na história, coisa que não podemos prever, parece-nos claro que a população mundial dobrará nos próximos 35 anos. Os técnicos nos afirmam que a reserva de energia no nosso planeta é insuficiente para alimentar, vestir e abrigar essa população. Afirmam que a fome em massa se instalará por volta de 1975, acompanhada de desordem social, padrão de vida diminuído e desilusão — em proporção jamais experimentada nos tempos modernos, mesmo em épocas de guerra. Poderá a igreja sobreviver? Que espécie de esquema em termos de valores morais serão necessários para se enfrentar um mundo em desintegração? Na verdade, este problema atinge tais proporções, que não podemos fazer nada menos do que servir juntos a este mundo.

2. Cultura da Mocidade

É igualmente claro que a mocidade no mundo está criando um sistema de valores que representa um afastamento substancial daquilo que predomina atualmente na cristandade. Está chegando a Era do Aquário. Recentemente, no Vaticano, tive uma conversa fascinante a respeito de Hair, musical da Broadway, que tem atraído as gerações mais jovens, e que demonstra um sentido de liberdade e visão do homem que resultará, seguramente, num tipo muito diferente de comunidade cristã dentro de duas gerações. A cultura jovem não conhece barreiras denominacionais. Não pode identificar-se com os problemas do passado, com os quais estamos tão comprometidos na igreja, atualmente. Há cada vez menos juventude “luterana” e “católica”. Existe, antes, uma mocidade vitalmente articulada e às vezes confusa, que está exigindo radical obediência na vida cristã, coisa que representa um desafio ao conforto das igrejas estabelecidas. Poderemos preparar o caminho de tal forma que nossos filhos conservem sua fé na igreja?

3. Desordem Internacional

Parece igualmente claro que nada garante que o atual equilíbrio de forças do mundo continue o mesmo. A divisão entre ocidente e oriente, que dominou esta geração, e a emergência do movimento ecumênico, não é mais a arena política básica na qual conduzimos nossa missão. O futuro, provavelmente, não pertencerá ao homem branco ou às nações industriais. A cultura de outras raças poderá predominar e o problema político básico consistirá no abismo entre as nações que têm e as que não têm. A Igreja Cristã se identifica com o ocidente e com o homem branco... A mudança no cenário internacional afetará tão substancialmente o caráter da missão, que nada mais poderemos fazer senão enfrentar juntos esse fato.

Graves perturbações internacionais, com um aumento do número de guerras poderá ser o resultado do aparecimento de um novo equilíbrio de poder. A igreja se tem identificado tradicionalmente com a defesa da ordem constituída, a ponto

de enviar homens à luta com outras nações, cujas igrejas fazem o mesmo. Este fato constitui problema de tal ordem que leva à seguinte conclusão: os cristãos devem enfrentá-lo a uma só voz, para que possa ser ultrapassado. Poderemos fazê-lo?

É para esse tipo de perguntas que devemos prestar atenção, assim como para a agenda que já temos à nossa frente. Não podemos esperar muito tempo.

O próximo grande Concílio cristão não pode ser "católico" ou "luterano". Se é que as assembléias mundiais continuarão a existir no nosso tipo de mundo, será necessário incluir nelas a grande Igreja Católico-Romana, cujo despertar para com a renovação e missão desafia-nos a todos, por sua amplitude, intensidade e problemas paralelos.

Ainda estamos separados, embora vivamos com a fé de que pertencemos ao corpo de Cristo. No entanto, temos a esperança ardente de que nossa separação poderá desaparecer. Talvez que um outro jovem estudante universitário nos mostre o caminho.

Federação Mundial Luterana

Quinta Assembléia

Documento n.º 7/SBS